

CECÍLIA DE ASSIS BRASIL, A CRONISTA DE PEDRAS ALTAS

Daniela Kern
Doutoranda da PUC-RS

Em 1934, Joaquim Francisco de Assis Brasil escreve a um amigo sobre a trágica morte da filha dileta, Cecília, vitimada por um raio num dia de tempestade em Pedras Altas:

Antes de tudo, deixe-me agradecer-lhe cordialmente, também em nome de Lydia e nossos filhos, sua demonstração de simpatia com nossa indizível dor. Perdemos uma filha que mereceria o título de “predileta”, se não fosse para nós um dogma a igualdade do afeto dispensado a todos os filhos. E de que nós a perdemos! [...]. Nada poderá consolar-nos desta perda. Apenas nos esforçamos por considerar uma felicidade ela haver sido poupada de qualquer sofrimento ou de deficiência física causada por doença, ela que tanto merecia gozar da vida.¹

Cecília, a filha mais velha do segundo casamento de Assis Brasil, nascida em Washington em 1899, amava os cavalos (seu cavalo morreu junto com ela), a vida no campo, o castelo da família em Pedras Altas, a família, e o pai. Sabia que era filha de um homem excepcional, no sentido próprio do termo: Assis Brasil, republicano avesso ao positivismo, foi deputado, diplomata, modernizador das lides do campo, intelectual e chefe civil da revolução de 1923 (em 1922 havia se candidatado à Presidência do Estado, mas Borges de Medeiros venceu pela quinta vez em eleição fraudada). Poliglota e culto, Assis Brasil construiu um castelo em sua propriedade, Pedras Altas. E também foi o autor de um dos best-sellers da época, *Cultura dos Campos*: Noções gerais de agricultura e especiais de alguns cultivos atualmente mais urgentes no Brasil. O livro, com primeira edição publicada em Lisboa em 1898, teve uma tiragem de 32 mil exemplares em sua terceira edição, publicada em Paris em 1909.²

Assis Brasil manteve por muitos anos um diário para o registro do dia-a-dia em Pedras Altas, uma espécie de crônica da vida na propriedade. Cecília herdou do pai esse hábito, e por mais de uma década (o primeiro diário conservado é de 1916, mas se sabe que

¹ ROCHA, Arthemiza Weinmann. Cronologia histórica. In: ROCHA, Arthemiza Weinmann et al. *J. F. de Assis Brasil: interpretações*. Santa Maria: UFSM, 1995. p. 35-99.

² REVERBEL, Carlos. Uma reedição. In: ASSIS BRASIL, J. F. de. *Cultura dos Campos*. Noções gerais de agricultura e especiais de alguns cultivos atualmente mais urgentes no Brasil. 4. ed. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul; Caixa Econômica estadual, 1977. p. 15-16.

ela começou a escrever antes, e o último, de 1932) manteve também diários com a intenção de informar o pai, que devido a sua intensa vida pública constantemente viajava, o que se passava com a família, não apenas em Pedras Altas, mas também nos outros lugares em que moraram. Conforme Maria Helena Camara Bastos, “Além da Granja de Pedras Altas, Cecília escreveu seu diário em Pelotas, Rio Grande, Bagé, Rio de Janeiro e em quatro pequenos estabelecimentos rurais – Chácara Bela Vista, Estância Nova, Coxilha Grande e Berachi”³.

Cecília e os irmãos eram muito estimulados, em casa, a ler clássicos da literatura e a aprender línguas. Cecília lia fluentemente em inglês e em francês. A encenação de peças de teatro domésticas, pelos irmãos, também era uma atividade bastante apreciada. Cecília, de brincadeira, escrevia peças para o divertimento da família, como relata Joaquina, sua irmã, quando fala sobre o teatro na família:

Ah! Mas era de brincadeira! Nós apresentávamos até óperas. Fazíamos a Dama das Camélias, como sempre! La Traviata... Era muito engraçado porque a gente improvisava tudo na hora. Escrevi uma peça em inglês. Há poucos dias ainda a vi lá em cima. Cecília também escrevia. Era só para a gente se entreter.⁴

Cecília, no entanto, nunca se viu como escritora. Seus diários chegaram até nós em 1983, quase cinquenta anos após sua morte, por iniciativa de Carlos Reverbel, que pediu autorização da família Assis Brasil para selecionar as passagens que considerasse interessantes “em função do próprio conteúdo”⁵. Boa parte dos diários femininos que chegam a ser publicados, segundo Cinthia Gannett, foram “by the wife, mother or sister of a famous man”⁶. Os de Cecília, filha de um homem famoso, vêm somar-se às estatísticas.

³ BASTOS, Maria Helena Camara. O diário de Cecília de Assis Brasil (1916-1928): práticas de leitura de uma moça gaúcha. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 147.

⁴ ENTREVISTA com Joaquina de Assis Brasil. In: ROCHA, Arthemiza Weinmann et al. *J. F. de Assis Brasil: interpretações*. Santa Maria: Ed. UFSM, 1995. p. 128.

⁵ REVERBEL, Carlos. Introdução. In: ASSIS BRASIL, Cecília de. *Diário* (1916-1928). Porto Alegre: L&PM, 1983. p. 7.

⁶ GANNETT, Cinthia. *Gender and the journal*. Diaries and Academic Discourse. Albany, N.Y.: State University of New York Press, 1992. p. 121.

Isso significa que em geral o interesse em tais diários reside naquilo que possam informar sobre a intimidade dos parentes famosos ou sobre a história da época, muito mais do que nos méritos literários das diaristas. Tanto que Nilson Mariano, em matéria jornalística intitulada *Diário de Cecília narra a vida no campo*, irá apresentar-nos o texto destacando sobretudo seu valor enquanto registro histórico: “No seu diário, tão preciso quanto sensível, Cecília contou a vida no castelo e as conflagrações entre maragatos (libertadores de lenço vermelho no pescoço) e chimangos (republicanos de lenço branco)”⁷.

Não é de se estranhar, portanto, que praticamente não encontremos análises literárias dos diários de Cecília. Maria Helena Camara Bastos, em artigo intitulado *O diário de Cecília de Assis Brasil (1916-1928): práticas de leitura de uma moça gaúcha*, concentra-se, como o próprio título já anuncia, no mapeamento das variadíssimas leituras de Cecília. Sobre a natureza do diário há uma breve tentativa de classificação: “É tanto um diário crônica quanto um diário pessoal”⁸. E em uma obra de referência sobre a literatura feminina no Brasil como o *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)*, de Nelly Novaes Coelho (2002), Cecília não é sequer mencionada.

Um início de valorização literária encontraremos em Carlos Reverbel, o organizador dos diários. Ainda que não se estenda em seus comentários, ele indica alguns dos méritos literários de Cecília por meio de comparação entre seus escritos e os diários das moças de seu tempo:

Como observa Alcântara Silveira, em estudos Literários e Biográficos (Livraria Pioneira Editora, São Paulo, 1981), “as jovens de antigamente costumavam manter diários em que, geralmente, anotavam sua vida amorosa, mas esses diários, com o casamento e a chegada dos filhos, não progrediam e, dependendo de seu texto, tinham até que ser queimados...” Se esta era a regra, entre as moças que se derramavam nas páginas de seus diários, impregnando-as com seus sonhos e devaneios, com seus enleios e desencantos do coração, bem diferente é este Diário, pois Cecília de Assis Brasil nele projetou não apenas sentimentos, vivências e observações individuais, mas sobretudo o singular estilo de vida de sua família, extraordinariamente coerente e bem estruturado⁹.

Por um lado, Reverbel salienta que Cecília recriou por escrito o modo de vida “extraordinariamente coerente e bem estruturado” dos Assis Brasil, ou seja, que fez daquela maneira característica de levar a vida também uma maneira de escrever, transformando a

⁷ MARIANO, Nilson. *Zero Hora*. Porto Alegre, ano 34, n. 11681, 10 agosto de 1997, p. 47.

⁸ BASTOS, Maria Helena Câmara. Op. cit. nota n. 3. p. 147.

⁹ REVERBEL, Carlos. Op. cit. nota n. 5. p. 5-6.

imaginação despendida naquelas práticas cotidianas que Michel de Certeau em *A invenção do cotidiano* denomina “artes de fazer” em imaginação literária.

Por outro lado, Reverbel chama a atenção para o fato de o diário de Cecília ser de natureza bem diversa da esperada dos diários de moças da época. Seu diário não era exatamente um “diário íntimo”. Esse entendimento de que todo diário de moças é diário íntimo tornou-se corrente apenas ao longo do século XX. No século XIX, diários como os de Cecília eram bastante comuns na Europa. Os livros vitorianos de etiqueta prescreviam a manutenção de diários como “an important part of becoming a proper young lady”¹⁰. E o conteúdo recomendado, como se pode imaginar, passa longe do registro minucioso da própria vida amorosa. Como esclarece Cinthia Gannett, o que se esperava de um diário de moças do século XIX estava mais próximo à crônica doméstica:

Indeed, an enormous number of journals written by women until the late nineteenth century fulfilled the domestic-discourse function of family and social chronicling [...] all families needed someone to record and be able to recall critical events in the life of a family and its members, to keep networks of communication open.¹¹

É importante que façamos uma distinção conceitual aqui. Em inglês dois termos descrevem o que chamamos de *diário*: *diary* e *journal*. Enquanto o *journal* contém o registro da vida do pensamento (com leituras comentadas, especulações filosóficas, espirituais, históricas, etc.), o *diary* é dedicado à anotação das atividades de cada um no mundo, das atividades cotidianas¹². Devido a essas diferentes características, por muito tempo *journal* foi identificado como prática masculina (os homens longamente dominaram a cena pública e a vida intelectual) e tido como obra de mais valor do que o *diary*, prática de mulheres, de conteúdo considerado “comezinho”. Algumas mulheres de vida intelectual destacada, é claro, mantinham *journals*, mas eram exceção. Dentro dessa perspectiva, os diários de Cecília encaixam-se na categoria de *diary*.

Para tornar mais clara a diferença entre um e outro tipo de diário (uma medida que pode ser eficaz, como veremos, no estabelecimento do valor literário dos diários de Cecília), nada melhor do que pô-los lado a lado. Tomemos algumas passagens do diário que

¹⁰ GANNETT, Cinthia. Op. cit. nota n. 6. p. XI.

¹¹ Idem, ibidem. p. 133.

¹² Idem, ibidem. p. 22.

Cecília escreveu em 1918. Naquele ano, com 18 anos, ela morava ainda com a família em Pedras Altas. Os Assis Brasil mudaram-se de Bagé para a propriedade de Pedras Altas em 1905. Em 1908 é lançada a primeira pedra nas fundações do castelo, que é ocupado pela família a partir de 28 de junho de 1913.

Ao lado das entradas de Cecília, colocaremos as entradas de mesmos dias e ano pertencentes ao *journal* de uma sua contemporânea que vivia do outro lado do Atlântico, na Inglaterra, a escritora neozelandesa Katherine Mansfield. Dez anos mais velha do que Cecília, Katherine faleceu jovem como ela, aos 34 anos. Ao lado do *diary* de Cecília, escritora póstuma, que seus escritos manteve guardados na *private drawer* de sua escrivaninha, colocaremos o *journal* de Katherine, uma escritora por opção, que iniciou a carreira literária aos 18 anos e obteve grande reconhecimento em vida.

Em 28 de janeiro de 1918, uma segunda-feira, Cecília escreve o seguinte:

Último dia das férias de Francisco. Depois do serviço do galpão, fui com Mamãe e Papai nos pessegueiros, onde apanhamos três grandes cestos de lindíssimos “Glórias de Pedras Altas” e alguns molares amarelos e brancos para o Francisco levar a São Paulo e distribuir com os Revoredo, Moraes Barros, Pujol, Mme. Buchard e Mrs. Dulley. Fomos à estação dizer adeus ao Francisco. Os peões lá estavam também. O Papai irá com o Francisco até Vila Rica, onde ficará, pois tem serviço no Sortiga. De lá Francisco terá de continuar só, ou recomendado a alguma pessoa conhecida ou a algum camareiro de confiança¹³.

Poucas linhas bastam para que Cecília nos mostre como são atarefados e também animados os dias em Pedras Altas. O irmão Francisco, findas as férias, volta para Vila Rica. É preciso colher pêssegos da variedade “Glória de Pedras Altas”, orgulho do castelo para que ele distribua aos amigos da família. Nem por isso o serviço no galpão foi descurado. Em frases curtas o cenário está montado: os preparativos para a viagem, as despedidas, inclusive com a presença dos peões, o percurso, os cuidados com a segurança do viajante. E o adjetivo “lindíssimos” atribuído aos pêssegos sintetiza a satisfação em oferecer algo de bonito a pessoas queridas (o irmão e os amigos que receberão os mimos), vontade que justifica tanto empenho e capricho na execução das várias tarefas necessárias ao sucesso da viagem tanto por parte de Cecília quanto de sua família, seu pai e sua mãe.

¹³ASSIS BRASIL, Cecília de. *Diário* (1916-1928). Porto Alegre: L&PM, 1983. p. 36-37.

No mesmo dia, na Inglaterra, Katherine Mansfield faz o seguinte comentário no diário que enviaria a seu marido, J. M. Murry:

Você leu *Our Mutual friend*? Em parte, é terrivelmente bom. A sátira é de primeira qualidade – todo o caso Veneering, por exemplo, não poderia ser melhor. Não tinha lido esse livro antes. E estou gostando muito mesmo e Ma Wilfer está dentro do meu coração. Tenho uma enorme capacidade para achar engraçadas as pessoas e para rir – e às vezes Dickens consegue isso de maneira surpreendente¹⁴.

Temos aqui impressões da leitura de *Our Mutual Friend*, de Charles Dickens (1812-1870). Na história de Dickens, John Harmon, herdeiro de uma fortuna, vê-se diante do seguinte impasse: por determinação de seu pai, só poderá recebê-la após o casamento com a jovem Bella Wilfer. Harmon não aceita a condição e simula a própria morte. Bella, que planejava casar-se apenas por dinheiro antes da “morte” do pretendente, aos poucos apaixonou-se por John Rokesmith, a nova identidade de Harmon. Katherine expressa abertamente suas opiniões sobre o romance: “é terrivelmente bom”, “estou gostando muito mesmo”. Elogia em Dickens o talento para a sátira e para o humor, e declara a empatia para com a personagem Ma Wilfer (“está dentro do meu coração”). Percebemos então, ao comparar as duas entradas, uma primeira distinção: Cecília descreve as ações de seu cotidiano, ao passo que Katherine nos mostra uma das facetas de sua atividade intelectual, suas opiniões sobre a leitura de um livro. A emoção e o entusiasmo estão presentes em ambas as entradas, mas expressos de maneiras muito diversa: inferimos pelo modo como Cecília descreve seu dia que a partida de seu irmão é algo especial para ela, que se preocupa com ele e que sentirá saudades (“Último dia das férias”); em Katherine, as emoções são expressas diretamente, para ela a leitura é uma atividade de claro envolvimento emocional.

Terça-feira, 19 de fevereiro de 1918. Outro dia muito atarefado em Pedras Altas:

Chegaram dois senhores: o engenheiro Charles Vincent, belga, administrador de um posto zootécnico em Santa Catarina, e um brasileiro, mestiço de grego e italiano, chamado Miguel Savas. Vão com Papai a Ibirapuitã comprar Devon. Papai também levará as éguas de corrida. Para nos despedirmos delas, fizemos outro passeio ao Cerro da Guarda. A Quinquim foi na Galé, o Seu Alípio na

¹⁴ MANSFIELD, Katherine. *Diário e Cartas*. Rio de Janeiro: Revan, 1996. p. 93.

Morena, Nia na Hipócrita e eu na Enérgica, que considero minha. Troquei-a com o Papai pelo Junius Brutus¹⁵.

Novamente em poucas linhas podemos reviver a rotina movimentada da granja: visitas de fora de Pedras Altas que são recebidas e que logo partirão. Novamente uma cena de despedidas: não mais do irmão, mas das queridas éguas de corrida que seguirão com Assis Brasil. Entre elas Cecília aponta a que considera sua, Enérgica. O movimento constante da vida na granja é reforçado pela menção a compras (Assis Brasil comprará gado Devon), e trocas (Cecília troca Junius Brutos por Enérgica). O bom humor de Cecília permeia esse pequeno relato, como quando se refere ao brasileiro “mestiço de grego e italiano”, e o ar de informalidade e intimidade familiar nos chega através do uso de apelidos (Quimquim, Nia, apelidos, respectivamente, de Joaquina e Joana, irmãs de Cecília).

A terça-feira foi um pouco menos feliz para Katherine Mansfield:

Acordei cedo esta manhã. Quando abri as persianas, um sol pleno e redondo acabara de nascer. Comecei a repetir aquele verso de Shakespeare: “Veja! A gentil cotovia cansada do repouso.” Saltei de volta para a cama. O salto me fez tossir – escarrei – tinha um gosto estranho – era sangue vermelho vivo. Desde então, continuo escarrando cada vez que tusso um pouco mais. Oh, sim, estou assustada. Mas apenas por duas razões. Não quero adoecer seriamente longe de Jack. Jack é o primeiro pensamento. Segundo: não quero me convencer de que é tuberculose, talvez galopante, quem sabe?

Se for isso, talvez eu não possa concluir meu trabalho em andamento. E o que realmente importa é isso. Para mim, seria insuportável morrer deixando “rascunhos”, “pequenos trechos”, nada completamente terminado.¹⁶

O dia estava bonito, mas Katherine antecipa seu frágil estado de saúde ao comparar-se à “gentil cotovia cansada” de Shakespeare. Está com sintomas de tuberculose (a doença que haveria de matá-la) e sua preocupação maior é com seu trabalho de escritora (“o que realmente importa é isso”): não quer morrer deixando obras inconclusas. A doença é um assunto íntimo, e Katherine escreve sobre ela no diário, diz como a afeta e o que sobre ela pensa. Cecília em outros trechos de seu diário igualmente fala sobre sua saúde, mas a perspectiva de ambas também nesse assunto é diversa. Cecília é reservada, Katherine expõe-se muito mais. O tom que predomina no *diary* de Cecília não é, definitivamente, o íntimo, bem ao contrário do *journal* de Katherine.

¹⁵ ASSIS BRASIL, Cecília de. Op. cit. nota n. 13. p. 38.

¹⁶ MANSFIELD, Katherine. Op. cit. nota n. 14. p. 96.

No dia 24 de fevereiro de 1918, um domingo, a atividade não cessa em Pedras

Altas:

Passamos a metade do dia remendando roupas e meias. Depois do chá as crianças saíram a cavalo e nós, maiores, fomos à Capororoca colher avencas. A minha vaca Formosa não escoiceou hoje. Amanhã deixarei de maneá-la. Escrevi à Dona Sinhá, agradecendo os chocolates. A Quim pintou bonita *baby* para a mesma¹⁷.

Cecília costura, colhe avencas, maneia sua vaca Formosa (o diário de Cecília guarda também o registro muitas vezes divertido do comportamento dos animais da Granja) e cumpre, como tantas vezes, o papel de relações públicas da família, agradecendo por escrito à Dona Sinhá um regalo recebido. A gentileza está implícita nos gestos mencionados: a carta escrita, a “bonita *baby*” pintada pela irmã, Quimquim, para Dona Sinhá. O trabalho nunca é mostrado como fardo, mas como fonte de prazer, como modo de sociabilidade, como o próprio sentido da vida.

Katherine, no mesmo domingo, comenta mais leituras:

Você já leu alguma crítica do livro de Yeats? E viu as observações ridículas sobre Keats? Corria por aí uma gozação a respeito dele, que teria sonhado “em meditações” (!?) que sua cabeça estava rodeada por um sol flamejante. Foi dormir e sonhou com uma mulher de cabelos em fogo. Acordou, acendeu uma vela e descobriu, aos poucos, “pelo odor”, que tocara fogo em seus próprios cabelos. Ele achou que se tratava de algo “profético”.

Essa historinha é ótima e adequada. É o máximo com que ele e sua turma podem sonhar: pôr fogo nos próprios cabelos, frisar seus pobres cabelos lisos. Deus sabe que, com relação a eles, uma carrada de centelhas não terá mais nada a iluminar¹⁸.

Nesse trecho Katherine mofa do escritor irlandês William Butler Yeats (1865-1939), com o qual evidentemente não simpatiza. Segundo ela, Yeats escreve bobagens sobre o grande poeta inglês John Keats (1795-1821) (“observações ridículas”). Mas o que mais a incomoda é o afamado ocultismo do poeta, que sabidamente acreditava na existência de poderes ocultos e de mundos sobrenaturais. Logo, não perde a oportunidade de ironizar o fato de Keats entender a queima acidental de seus cabelos como uma profecia. Para Katherine, não há profecia nenhuma, apenas obtusidade do poeta e de seus seguidores

¹⁷ ASSIS BRASIL, Cecília de. Op. cit. nota n. 13. p. 39.

¹⁸ MANSFIELD, Katherine. Op. cit. nota n. 14. p. 98.

(“Deus sabe que, com relação a eles, uma carrada de centelhas não terá mais nada a iluminar”). De novo se confirma a predileção de Katherine, em seu *journal*, tanto pela exploração do campo subjetivo quanto pela temática intelectual, o que não significa que seus valores estejam ancorados também no mundo da imaginação, no não observável. Katherine é cética e debocha do ocultismo. Cecília, por outro lado, ainda que prefira escrever sobre fatos concretos do dia-a-dia, o campo objetivo, e dedique-se à temática prática, acredita no ocultismo. Conforme depoimento da irmã, Quimquim, “A Cecília acreditava em coisas sobrenaturais. Eu não acredito, mas respeito”¹⁹. Cecília mostra o que vê, mas acredita também no que não vê.

Tempo bom em Pedras Altas no dia 4 de março de 1918:

Estava tirando leite esta manhã, bem cedo, quando vejo o dr. Martinho Prado perto de mim. O Papai e os nossos hóspedes vão embora hoje. Os paulistas, para verem a exposição rural de Bagé, e o Papai para podar as lídias do dr. Osório. Ao almoço, o Décio de Paula Machado perguntou ao Papai em que parte do Rio Grande poderia encontrar ágatas, ou *halbedelsteines*, como ele disse. Ficou admirado quando informado de que no Ibirapuitã havia muitas ágatas. Trouxemos as pedras que lá tínhamos achado em maio e oferecemos uma a cada um dos nossos visitantes paulistas. Ao dr. Martinho dei a minha mascote, parecida com a cabeça de um ratinho²⁰.

Revemos nesse trecho alguns dos tópicos constantes do *diary* de Cecília: visitantes que chegam e que partem (Décio de Paula Machado e Martinho Prado, os hóspedes paulistas), tarefas domésticas (Cecília tirou leite pela manhã) e troca de gentilezas (Assis Brasil irá podar as lídias do Dr. Osório). A maior parte do trecho concentra-se no comentário sobre as ágatas do Ibirapuitã. Cecília adorava as ciências da natureza, estudava insetos, colecionava pedras, é com entusiasmo que trata desses temas. A família ofereceu algumas ágatas aos visitantes paulistas, e Cecília deu a sua “mascote”, sem traço de tristeza ou contrariedade por se desfazer de um objeto do qual gostava, a pedra com “cabeça de um ratinho”, a um dos visitantes. Já havíamos visto o amor de Cecília pela natureza manifesto no carinho dedicado aos bichos da granja, e agora vemo-lo novamente nessa singela comparação entre a pedra e o ratinho.

Já o 4 de março de Katherine Mansfield foi chuvoso:

¹⁹ ENTREVISTA com Joaquina de Assis Brasil. Op. cit. nota n. 4. p. 129.

²⁰ ASSIS BRASIL, Cecília de. Op. cit. nota n. 13. p. 41.

Amor, é muito tarde. O vento está uivando. Está chovendo forte. Acabo de ler o poema *To Duty*, de Woodsworth, e numa carta da Nova Zelândia a descrição de como cultivar o kohl-rabi [um tipo de repolho], aquele legume tão negligenciado. Nunca ouvi falar de uma noite mais selvagem, mais violenta; mas ela não pode sufocar meu desejo, meu ardente desejo de cultivar esse legume *angenehme* [em alemão, agradável], com folhas coriáceas franjadas e o núcleo do mesmo formato do coração de um nabo. Ele tem uma cor púrpura avermelhada, cresce onde há cenouras e vagens. É claro que posso ver o nosso kohl-rabi – a coisa mais extraordinariamente bela – e Wig e Jag examinando-o atentamente.

- Você acha que ela deveria ter esta aparência?
- Não, você acha?
- Não. Penso que foi feita assim de propósito.
- Devo mostrá-la a alguém e perguntar?
- Não, eles iriam rir, apenas.

E enquanto eles se voltavam e iam embora, o kohl-rabi se agitava e sacudia, talvez para eles, suas folhas coriáceas²¹.

Escrevendo tarde da noite, Katherine registra a leitura do poema *To Duty*, do poeta romântico inglês William Woodsworth (1770-1850), sem, no entanto, anotar suas impressões de leitura. Dessa vez seu interesse concentra-se em engraçadas divagações sobre o kohl-rabi, um legume encontrado na Nova Zelândia, sua terra natal. Ela manifesta um jocoso desejo de plantar esse repolho e exalta-lhe a beleza (a “cor púrpura avermelhada”, “a coisa mais extraordinariamente bela”). Enquanto Cecília se detém na comparação de sua pequena ágata com um ratinho, Katherine literalmente dá vida a seu repolho, e chega a imaginá-lo em pleno movimento (“o kohl-rabi se agitava e sacudia, talvez para eles, suas folhas coriáceas”). Mesmo quando fala sobre a natureza, Katherine em seu *journal* desloca-a do mundo real e a insere no fictício e, nesse caso, até além, no mundo fantástico. Cecília, a seu turno, não se afasta do mundo visível e concreto em seu *diary*, suas comparações são buscadas nesse mesmo mundo.

Nosso paralelo entre o *diary* de Cecília de Assis Brasil e o *journal* de Katherine Mansfield encerra-se nesse dia 4 de março de 1918, um dia para se descrever a natureza divertidamente por meio de suas pedras e legumes. Os diários continuaram, nem sempre tão bem humorados. Cecília ainda enfrentaria um duro exílio (em 1924, após a Paz de Pedras Altas a família exila-se no Uruguai) e a visão de seu amado castelo de Pedras Altas depredado por inimigos políticos de seu pai. E Katherine acompanharia o inexorável avanço de sua doença, preocupada em concluir seus contos. Através desse paralelo

²¹ MANSFIELD, Katherine. Op. cit. nota n. 14. p. 100-101.

procuramos mostrar as diferenças de perspectiva de Cecília e Katherine. As diferenças são notadas porque a comparação é possível, e é possível por um simples motivo: conscientes ou não, profissionais ou não, ambas são escritoras, e escritoras capazes de dar forma literária a suas visões de mundo. Traços facilmente reconhecidos como literários são encontrados no texto de Katherine: metáforas, dramatizações, vãos imaginativos. O texto de Cecília, com o pé no chão, não é, contudo, menos “literário”. O que Paulo Rónai observa sobre as *100 Crônicas Escolhidas*, de Rachel de Queirós, serve também para o diário de Cecília:

Sem dúvida, as crônicas de Rachel dão a impressão de algo totalmente desprovido de artifícios. Literatura são elas, mas no bom sentido da palavra, sem qualquer literatice.

Toda arte, porém, até a menos artificial, é um conjunto de processos – verdade é que nem sempre fáceis de surpreender²².

Direto, cristalino e coloquial, o estilo de Cecília é, a nosso ver, como o de Rachel nas crônicas, “resultado de fórmulas e de processos complexos e variados, alguns tão antigos como a própria linguagem” (RÓNAI, 1990, p. 88). Muitos já disseram que a simplicidade é difícil, e que apenas os olhos de poeta são capazes de apreender a beleza do cotidiano, quando tão mais evidentes nos parecem suas mazelas. Cecília, com sua prosa aparentemente descomplicada, se não pintou as belezas da vida interior, da vida do intelecto, como Mansfield, com certeza contribuiu para provar, através de seus diários, aquilo que, segundo Roberto Schwartz, os diários da mineirinha Helena Morley igualmente provam: que a beleza, afinal de contas, também “é deste mundo” (SCHWARTZ, 1997, p. 49).

²² RÓNAI, Paulo. Rachel de Queiroz ou a complexa naturalidade. In: _____. *Pois é: ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 82.

REFERÊNCIAS:

ASSIS BRASIL, Cecília de. *Diário* (1916-1928). Porto Alegre: L&PM, 1983.

BASTOS, Maria Helena Camara. O diário de Cecília de Assis Brasil (1916-1928): práticas de leitura de uma moça gaúcha. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). *Refúgios do eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000. p. 145-180.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras (1711-2001)*. São Paulo: Escrituras, 2002.

GANNETT, Cinthia. *Gender and the journal*. Diaries and Academic Discourse. Albany, N.Y.: State University of New York Press, 1992.

ENTREVISTA com Joaquina de Assis Brasil. In: ROCHA, Arthemiza Weinmann et al. *J. F. de Assis Brasil: interpretações*. Santa Maria: UFSM, 1995. p. 125-131.

MANSFIELD, Katherine. *Diário e Cartas*. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

MARIANO, Nilson. *Zero Hora*. Porto Alegre, ano 34, n. 11681, 10 agosto de 1997, p. 47-49.

REVERBEL, Carlos. Introdução. In: ASSIS BRASIL, Cecília de. *Diário* (1916-1928). Porto Alegre: L&PM, 1983. p. 5-10.

_____. Uma reedição. In: ASSIS BRASIL, J. F. de. *Cultura dos Campos*. Noções gerais de agricultura e especiais de alguns cultivos atualmente mais urgentes no Brasil. 4. ed. Porto Alegre: Governo do Estado do Rio Grande do Sul; Caixa Econômica estadual, 1977. p. 15-16.

ROCHA, Arthemiza Weinmann. Cronologia histórica. In: ROCHA, Arthemiza Weinmann et al. *J. F. de Assis Brasil: interpretações*. Santa Maria: UFSM, 1995. p. 35-99.

RONAI, Paulo. Rachel de Queiroz ou a complexa naturalidade. In: _____. *Pois é: ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. p. 81-88.

SCHWARTZ, Roberto. Outra Capitu. In: _____. *Duas meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 43-144.